

Formação das Raças e o Problema da Evolução

FARIS ANTONIO S. MICHAEL

Dentre os problemas da antropologia biológica, o da formação das raças é, sem dúvida, o mais complexo e interessante.

Isso, não sómente pelo fato de implicar na existência de fatores vários, como mestiçagem, variabilidade por influência interna e externa, persistência dos elementos genéticos (onde, a brevidade da presenças de caracteres distintivos, pelo pretenso retorno às fontes étnicas, etc.), como também por que nos prende a inúmeros problemas de outros setores do conhecimento humano.

Com efeito, os novos problemas que apresenta são igualmente de ordem histórica, geográfica, genética e até filosófica. Sem que nos distanciemos da realidade dos nossos dias, faz-se, do mesmo passo, necessário que remontemos aos troncos fundamentais, para que possamos melhor compreender o fenômeno da persistência ou não das características distintivas das raças, ao mesmo tempo que passamos em revista as teorias das causas biológicas, físicas e culturais, que presidem ao nascimento de novas raças ou novos tipos.

Abordando o assunto do ponto de vista da evolução dos troncos fundamentais (caucasóide, negrólogo e mongolóide), notamos que o aparecimento de raças novas está, inegavelmente, condicionado por elementos e agentes tanto externos como internos, biológicos tanto quanto históricos e físicos, mas que, nenhum deles, isoladamente, pode dar conta das modificações e transformações, vistas em conjunto, nem mesmo é possível afirmar, convicta e satisfatoriamente, sobre o entrelaçado das relações e conexões, ações e interações dos processos da realidade étnica.

E por isso que falar em primórdios da espécie humana em termos puramente de herança é coisa tão disparatada quanto querer atribuir tudo ao meio ambiente.

A enumeração dos fatores evolutivos externos e internos de Haberland, aceita por Gimpera e outros, pode esclarecer muito a respeito.

Os fatores externos podem ser geográficos ou históricos, ao passo que os internos se restringem à seleção genética e a herança.

Nos fatores evolutivos geográficos, observamos as condições de vida de ordem física, o meio ambiente, enfim, as condições de nutrição e concorrência; já nos históricos, aparece a mestiçagem proporcionada pelas relações várias, como migrações, conquistas e colonizações...

Ora, partindo do Paleolítico Gimpera verifica uma crescente atuação da herança e da mestiçagem como causas principais do aparecimento de novas raças, auxiliadas, é verdade, quanto aos tipos individuais pela nutrição, condições sociais, etc. Mas o meio ambiente, ao contrário do caso do homem primitivo (ou da caverna), contribuiu com quase nada.

A esta altura, devemos examinar o fenômeno da mestiçagem para constatar até que ponto o processo hereditário perpetua, pela transmissão, os caracteres étnicos da nova raça, sub-raça ou tipo antropológico, ou, até que ponto se pode esperar um retorno às matrizes étnicas ou raciais, numa negação quase absoluta da fixidez que deve reger os mesmos caracteres. Noutros termos, devemos verificar se, pela chamada lei de Kollmann, isto é,

através do princípio de que a tenacidade do sangue rebrota sempre, fazendo os mestiços revertem aos elementos formadores, devemos verificar, dizíamos, se, pela configuração de semelhante lei, a hereditariedade age em sentido contrário ao da perpetuidade dos novos tipos e raças. Ora, pelos estudos mais fidedignos e autorizados, tudo leva a crer que as coisas se passam de maneira diferente: as próprias raças atuais não representam mais que resultado de velhas miscigenações de raças e culturas, de diferentes períodos da História da Civilização.

Portanto, a realidade de raças novas, através do mestiçamento, é coisa que não sofre contestação, embora reconheçamos que o assunto é dos mais complicados e que os resultados se referem, antes, à média dos indivíduos, porque, não deixa de haver exceção de ordem atávica, como se pode observar no Nordeste Brasileiro. Entre os habitantes do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco,

Alagoas e Sergipe, é muito comum o tipo louro. Também, o caboclo puxado a índio, pode ser encontrado até nas capitais.

E nem a invocação das leis de Mendel poderá servir para a validade dos ensinamentos de Kollmann e outros. Primeiro, porque, como vimos, NÃO HA RAÇAS PURAS, no mundo, depois de milhares de anos de contactos históricos e mesclas de tribos e povos. Segundo, em virtude da dificuldade de controlar as diversas gerações humanas, desde que o nosso crescimento é relativamente lento, em comparação com o dos outros animais, e a nossa vida, mais longa que a dos insetos, ratazanas, etc., estudados pelos mendelistas nacionais e estrangeiros. Finalmente, pela concorrência de fatores vários que se estendem desde os antropológicos propriamente ditos até os culturais, o que torna inseparável, muitas vezes, o que é herdado do que é simples decorrência da vida em Sociedade.

Acresce que certos caracteres humanos, como a cor, por exemplo, não podem ser comparados exatamente com os dos animais, porque, às vezes, nestes últimos, é mera questão de plumagem, pelagem ou penugem. No *Homo Sapiens*, a melanina vem de baixo, numa camada que se denomina muco e da qual a coloração se deriva, geralmente acentuando-se pela ação dos raios solares. Mas, uma vez enfraquecido ou diminuído pelo mestiçamento, o pigmento, que é formado pela referida melanina, jamais retoma a coloração carregada do genitor que cruzou.

Exemplifiquemos com um caso de mistura euro-africana. Na primeira geração, todos serão MULATOS, dizem os tratadistas. Se esses mulatos procurarem conjuges também mulatos, haverá possibilidade de nascer um NEGRO, no meio dos mestiços da terceira geração. Ora, isso não passa de asseveração puramente teórica, porque nunca houve semelhante reversão ao negro puro, simplesmente pela não possibilidade de reproduzirem-se, na exata proporção, todos os traços e caracteres da raça, a partir da particularidade cromática. E por isso que, em nosso país, segundo Roquette Pinto ("Seixos Rolados", página 139), talvez não haja mais negros cem por cento representativos do "stock" africano, pelo menos, como é aqui visto ter, durante a escravidão. O mesmo é lícito dizer dos Estados Unidos e outros pon-

tos do nosso continente em que, com exceção das Antilhas, o mestiço de todas as graduações tende a ocupar o lugar de seu antepassado melanico. E tal o cruzamento e recruzamento das raças e seus mestiços, nos vários países da América, que há uma verdadeira terminologia, às vezes depreciativa, para indicar as referidas graduações.

Mas, isso já é assunto para outro capítulo.

(Do livro "Breve Introdução à Antropologia Física" suas Relações com a Antropologia Cultural).